



# A extensão universitária e a Universidade pública

**Sandra de Fátima Batista de Deus**

prorext@prorext.ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil

A reflexão que devemos fazer deve ser calcada em três pontos: Quando realmente a universidade está presente em uma comunidade? Quando a ação universitária é transformadora? Que transformações a universidade reconhece como frutos de suas ações nos territórios? O que implica em três desafios: construção do conhecimento calcado no olhar Freireano, atendimento ao Conceito de Extensão orientado pelo Forproex e a necessidade de sair da assistência e fazer a transformação. Para responder, é necessário entender claramente a missão da Universidade pública brasileira na construção da sociedade. Nesse contexto, é importante ter clareza do papel da extensão universitária na formação acadêmica, no processo de emancipação das comunidades, na preservação da cultura e na manutenção do ente público denominado Universidade. Na universidade pública nós fazemos ensino, pesquisa e extensão com extrema competência. Mesmo que alguém diga que não, nós fazemos extensão universitária com extrema competência, quer dizer que nossa relação com todos os setores da sociedade, onde estamos inseridos, é sólida. Porém, as universidades não podem ser simplesmente um grande colégio, que largam profissionais no mercado, sem muita reflexão. Formamos excelentes profissionais, mas temos que formar, além disso, profissionais que tenham compromisso, porque são as pessoas que irão fazer a diferença na sociedade. Esse é o papel da universidade pública.

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. Então, esse é o conceito de extensão, de transformação, também, da própria

universidade. A Extensão é transformadora quando articula o “fazer” da sala de aula, leia-se, o ensino com a pesquisa, e leva este acúmulo para a sociedade, da qual recolhe contribuições, mudanças, novos olhares e até mesmo críticas, trazendo este novo aprendizado para o interior da universidade.

O Manifesto de Córdoba, em 1918, ensinou que toda a educação é uma obra de amor aos que aprendem, e é verdade, então ela é um ato formativo. Sempre a presença de um orientador na atividade de extensão é uma premissa da política nacional de extensão e eu trouxe isso para que a gente não corra o risco de pensar “extensão universitária pode ser feita porque temos estudantes” – os estudantes têm um protagonismo, sim, na extensão universitária, mas qualquer atividade realizada apenas pelos estudantes é uma ação estudantil, em que os estudantes estão realizando sua atividade política estudantil. Extensão universitária se dá com orientação, sim, porque é um ato formativo, tem que ter um orientador. Nós vivemos, nos últimos anos em nossas universidades, uma realidade diferente dos nossos estudantes, que vêm de classes populares. Negros, pobres e indígenas chegaram à universidade e isso mudou completamente a cara das universidades públicas. Mas temos também muitos estudantes que são provenientes de outras realidades e nunca estiveram nas periferias, no campo, nas escolas públicas, ou seja, a hora em que eles forem para a prática extensionista, eles vão perceber que existe um outro mundo, que é o mundo real, onde os estudantes podem atuar e fazer a diferença nessa sociedade, bem como podem dizer que não é isso que eles querem fazer, podem fazer outra coisa, mas nós temos que proporcionar essa oportunidade a eles.

Decorre desta necessidade formativa a questão da extensão: se os estudantes não forem apresentados à extensão universitária em sua chegada à universidade, eles podem realmente concluir seus estudos sem passar pela extensão universitária, porque às vezes é mais tranquilo, para o estudante, se ele não está obrigado a fazer pesquisa, por exemplo, ele pode cursar apenas as disciplinas do curso e concluí-lo sem passar pela iniciação à pesquisa e pela extensão universitária. Então nós temos a obrigação de apresentar aos estudantes a extensão universitária, para que eles entendam que essa é uma possibilidade de formação deles, que vai para além desse espaço de sala de aula restrita ao espaço físico convencional.

Tem um debate interessante, que no passado foi muito considerado nas nossas universidades que diz que nós, particularmente professores, com as mãos limpas levamos para a sociedade um pouco disso que a gente faz em forma de assistência. Este é um debate importante e que hoje faz muita diferença na relação universidade/sociedade porque não é uma universidade isolada que estamos querendo, não é uma universidade isolada que existe, não é uma universidade assistencialista que estamos construindo, o que existe é uma universidade que deve ter uma estreita relação com a sociedade. Uma universidade necessária para a sociedade. A relação universidade / sociedade exige fortalecimento de parcerias entre os poderes públicos

federais, estaduais e municipais, visando a implementação de políticas públicas que integrem as universidades na superação da pobreza e promoção do desenvolvimento

sociocultural, requer um exercício profundo de compreensão da realidade do outro, seja esse “outro” a sociedade ou a própria Universidade.

A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão deve ser constantemente vigiada, por quê? Porque seguidamente se perde esse elo do ensino e da pesquisa com a extensão, a gente foca só no ensino e na pesquisa e esquece da extensão, como, por exemplo, em falas como “nós temos o melhor ensino”, “nós temos a melhor pesquisa”, mas e a extensão? Ela está lá, ela é constitucional, mas precisa ser constantemente vigiada para que seja valorizada da forma como deve ser. E a inserção da extensão nos currículos vai propiciar – onde os professores, ao se darem conta de que, obrigatoriamente, deverão fazer extensão, irão fazer essa indissociabilidade vigorar.

Quanto aos desafios, há vários que temos que enfrentar. Eles estão tanto no interior da universidade quanto fora dela. Eles estão na gestão, no sentido de que não só as pró-reitorias de extensão, mas também as pró-reitorias de graduação precisam ter clareza do que a gente quer fazer e de como a gente quer fazer inserção nos currículos, porque simplesmente dizer que a gente vai cumprir uma meta nos currículos incluindo atividades de extensão não dá. Não é qualquer coisa! Estamos tratando de formação de estudantes. Então está na gestão, isso não é fácil. Não é fácil porque nós não estamos aumentando a carga horária dos cursos, estamos abrindo a possibilidade de que essa carga horaria continue a mesma e, ainda assim, amplie a formação dos estudantes - é difícil para os professores abrirem mão de suas disciplinas, por considerarem elas importantes para a formação do profissional. É preciso uma mudança nessa trajetória institucional, porque há universidades que não têm uma trajetória extensionista, o que não é o caso da UFSM, que já tem uma trajetória consolidada de extensão universitária, um histórico onde vocês podem buscar no que se basear, o que nos permite, inclusive, entender melhor os argumentos para inserir a extensão nos currículos.

A compreensão do papel formativo da extensão é outro desafio, porque nós temos que entender que é preciso abrir mão de que só nos somos formadores, temos que pensar que essa sociedade também é formadora, que o estudante também aprende, assim como a gente também, muito com a sociedade.

Obrigada.

Sobre a autora:

**Sandra de Fátima Batista de Deus**

Professora Associada do Departamento de Comunicação e Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul